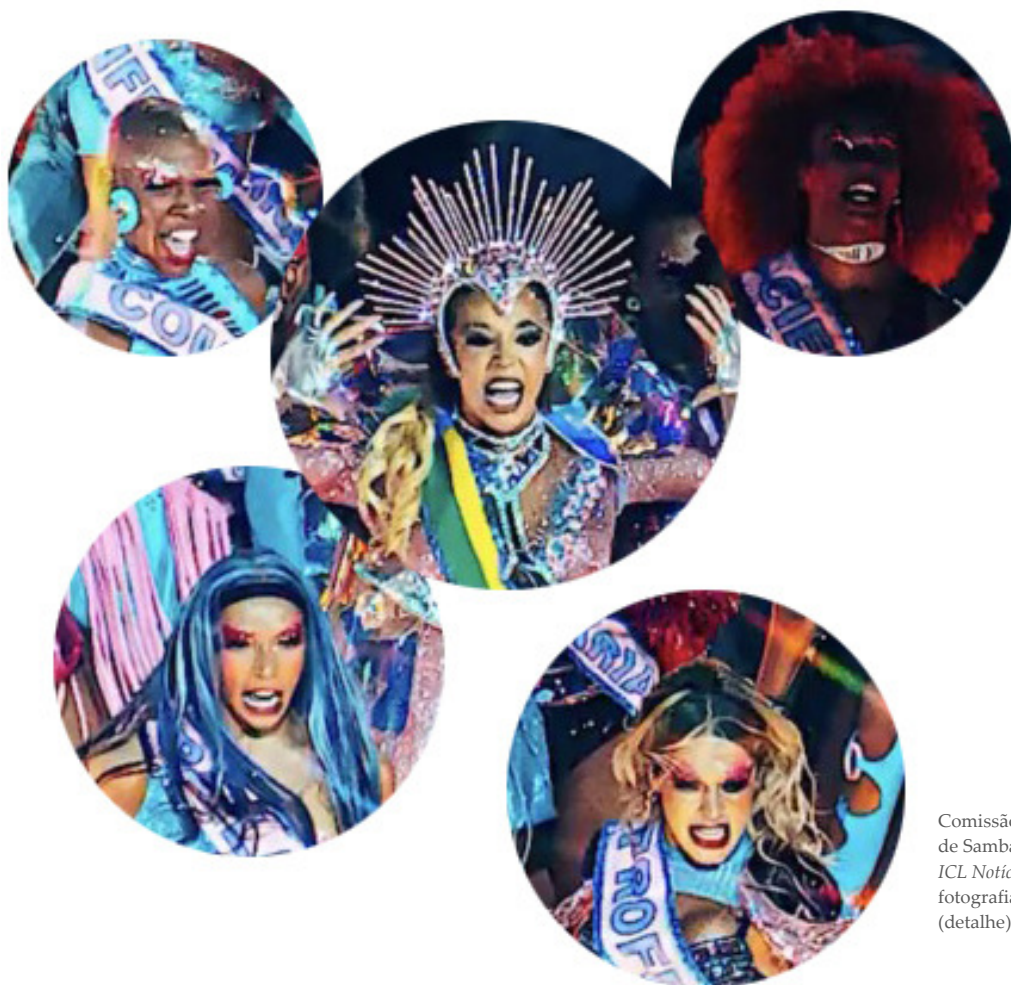


Uma biografia na Passarela do Samba:

o desfile da Paraíso do Tuiuti e a história de Xica Manicongo desde uma perspectiva temporal *queer* (2025)



Comissão de frente da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti. *ICL Notícias*, 5 mar. 2025, fotografia, montagem (detalhe).

Benito Bisso Schmidt

Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História, bem como do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador do CNPq. Organizador, entre outros livros, de *História pública e queer*. São Paulo: Letra e Voz, 2024. bbissos@yahoo.com

Uma biografia na Passarela do Samba: o desfile da Paraíso do Tuiuti e a história de Xica Manicongo desde uma perspectiva temporal *queer* (2025)*

A biography on the Samba Runway: the Paraíso do Tuiuti parade and the history of Xica Manicongo from a queer temporal perspective (2025)

Benito Bisso Schmidt

RESUMO

O artigo analisa o enredo “Quem tem medo de Xica Manicongo”, da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, do Rio de Janeiro, apresentado em 2025. A africana Xica viveu em Salvador como escravizada no final do século XVI. Ela é considerada pelo movimento brasileiro contemporâneo de pessoas trans e travestis como a primeira travesti não indígena do país da qual se tem registro. O foco recai sobre como esse enredo foge da linearidade cronológica das biografias tradicionais, aproximando-se de formas *queer* de pensar e narrar a temporalidade, sintetizadas nas noções de crítica à crononormatividade, anacronismo e erotohistoriografia. Conclui-se que o enredo tem potencial de inspirar a elaboração de biografias históricas que queiram fugir de maneiras usuais de conceber e delinear a temporalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Xica Manicongo; biografia, temporalidade *queer*.

ABSTRACT

The article analyzes the samba plot (“samba enredo”) “Quem tem medo de Xica Manicongo” (Who’s Afraid of Xica Manicongo), presented in 2025 by the Rio de Janeiro samba school Paraíso do Tuiuti. The African woman Xica lived in Salvador as an enslaved person in the late 16th century. She is regarded by Brazil’s contemporary movement of trans and travesti people as the first non-Indigenous travesti in the country to have been recorded. The analysis focuses on how this plot departs from the chronological linearity of traditional biographies, approaching *queer* ways of thinking and narrating temporality, summarized in the notions of critique of chrononormativity, anachronism, and erotohistoriography. The article concludes that the samba plot has the potential to inspire the production of historical biographies that seek to move away from conventional ways of conceiving and shaping temporality.

KEYWORDS: Xica Manicongo; biography; *queer* temporality.



No carnaval de 2025, a escola de samba Paraíso do Tuiuti, do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, trouxe para a Avenida Marquês do Sapucaí um enredo de título provocador: “Quem tem medo de Xica Manicon-

* Agradeço ao professor Fabrício Romani Gomes pelo aprendizado sobre os desfiles das escolas de samba e pela coleta conjunta de materiais referentes ao enredo da Paraíso do Tuiuti.

go?”, do carnavalesco Jack Vasconcelos, homens cis branco.¹ Para boa parte das pessoas interpeladas por essa questão, surgia uma nova pergunta: “quem é essa Xica que a escola quer homenagear?”. Porém, para quem acompanha as/os intelectuais e o movimento de pessoas trans e travestis no Brasil, a resposta era cristalina: “Xica é a nossa ancestral, a primeira travesti não indígena do Brasil da qual se tem registro”.

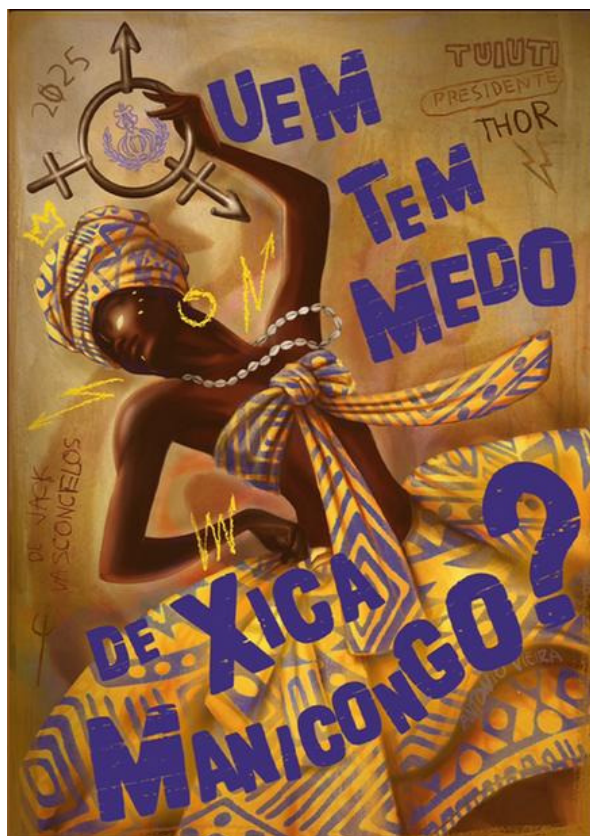


Figura 1. Xica Manicongo. *Abre-Alas* (terça-feira), Liesa, 2025, p. 94.

Muito tempo antes do desfile, um burburinho sobre o tema tomava conta da imprensa e das redes sociais. Ainda em 5 de abril de 2024, o prestigiado jornalista Ancelmo Gois, homem cis branco, noticiava em *O Globo*: “Considerada a primeira travesti do Brasil, Xica Manicongo será enredo do Tuiuti no carnaval de 2025”.² Já às vésperas do desfile, uma surpresa: a deputada federal Erika Hilton (PSOL/SP), ela mesma uma mulher trans negra, pronun-

¹ As referências ao gênero e à raça das pessoas autoras referenciadas neste artigo, em sua maioria, não partem de autodeclarações, até porque as identidades dominantes (homem, branco e cisgênero) quase sempre não são declaradas sob a capa de uma suposta universalidade. Portanto, nesses casos, tive que me valer da observação pessoal de fotografias disponibilizadas na *internet*, um método, sem dúvida, bastante falho e impressionista. Porém, mesmo assim, e desculpando-me desde já por possíveis equívocos, julguei importante apontar tais marcações para que saibamos de que lugar social os/as intelectuais referidos/as ao longo do texto falam.

² GOIS, Ancelmo. Considerada a primeira travesti do Brasil, Xica Manicongo será enredo do Tuiuti no carnaval de 2025. *O Globo*, 5 abr. 2024. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/blogs/ancelmo-gois/post/2024/04/considerada-a-primeira-travesti-do-brasil-xica-manicongo-sera-enredo-do-tuiuti-no-carnaval-de-2025.ghtml>>. Acesso em 1 fev. 2025.

ciou um discurso poderoso durante o ensaio técnico da escola. Entre outras coisas, afirmou: “O Brasil tem as mãos sujas de sangue de travestis, de transexuais que morrem todos os dias nesse país”.³ Na justificativa do enredo, Vasconcelos seguia a mesma linha, articulando a história de Xica com as violências sofridas pela população trans no presente:

*Segundo o mais recente dossiê de assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras realizado pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), o Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo pelo décimo sexto ano consecutivo. O perfil das vítimas é majoritariamente de “jovens trans negras, empobrecidas, nordestinas e assassinadas em espaços públicos, com requintes de crueldade”. O atual crescimento de ações antitrans é uma realidade não só no Brasil, mas também no mundo. Resgatar Xica Manicongo dos escombros do apagamento sistemático da memória negra e LGBTQI+ na história brasileira se faz urgente e vital.*⁴

Portanto, noções de ancestralidade e de reparação perpassaram a escolha do enredo e a apresentação da Tuiuti na avenida. Importante salientar que a figura histórica de Xica foi descoberta pelo antropólogo Luiz Mott, homem cis branco, professor da Universidade Federal da Bahia e fundador do Grupo Gay da Bahia, nos anos 1990 em suas pesquisas nos registros da Inquisição no Brasil.⁵ A fim de que possamos conhecer um pouco melhor a personagem, sigo aqui as informações e interpretações da psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus, mulher trans negra, professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e do Instituto Federal do Rio de Janeiro, em artigo que foi usado como uma das bases do enredo⁶: Xica era natural do Congo, foi escravizada, trazida a São Salvador da Bahia e vendida a um sapateiro. Em seu registro oficial constava o nome Francisco. Nas palavras de Jaqueline, “coberta com um pano que prendia com o nó para frente, à moda dos quimbanda de sua Terra Natal, [...] ela andava sobranceira por toda Cidade Baixa, às vezes subindo para a Cidade Alta e voltando, a serviço do seu senhor, ou só passeando, inclusive para encontrar os seus homens. Diz-se que Xica era conhecida por ser muito namoradeira”.⁷ Seu comportamento, nos conta a autora, “muito importunava um tal de Matias Moreira, cristão-velho que tinha saído de Lisboa, o qual mais de uma vez a interpelou, no meio da rua, para que não usasse mais daquele estilo e passasse a usar ‘vestido de homem’”.⁸ Mas ela, ao que tudo indica, se recusou a obedecê-lo. Matias ficou tão incomodado que a denunciou à Igreja, e ela foi acusada do crime de sodomia em 1591.

³ HILTON, Erica. Disponível em <<https://www.instagram.com/reel/DGYCDwEuOLj/?igsh=YXR6ODNhCXBxczVv>>. Acesso em 1 fev. 2025.

⁴ VASCONCELOS, Jack *apud* *Abre-Alas* (terça-feira), Rio de Janeiro, Liesa, 2025, p. 99.

⁵ Cf. VEIGA, Edison. Quem tem medo de Xica Manicongo, travesti do século 16? *DW*, 4 mar. 2025. Disponível em <<https://www.dw.com/pt-br/quem-tem-medo-de-xica-manicongo-travesti-pioneira-dos-C3%A9culo-16/a-71763739>>. Acesso em 1 fev. 2025.

⁶ Ver JESUS, Jaqueline Gomes de. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. *ReDoc: Revista Docência e Cibercultura*, v. 3, n. 1, Rio de Janeiro, jan.-abr. 2019, p. 250.

⁷ *Idem*, *ibidem*, p. 252.

⁸ *Idem*.

As Ordenações Manuelinas, vigentes à época, equiparavam a sodomia ao crime de lesa-majestade: “A pessoa considerada culpada deveria ser queimada viva, em um auto de fé em praça pública, ter seus bens confiscados pela Igreja Católica e a infâmia lançada sobre os seus descendentes até a terceira geração”.⁹ Segundo se comenta, “Xica, para continuar viva, abriu mão de se vestir como lhe convinha e adotou o estilo de vestimenta tradicional para os homens da época”.¹⁰

Depois de viver no esquecimento por vários séculos, ou como uma pequena nota nos estudos sobre Inquisição, na década de 2010 Majorie Marchi, militante travesti negra que então presidia a Astra-Rio (Associação de Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro), reivindicou Xica como a primeira travesti não indígena do Brasil da qual se tem registro.

Jaqueline de Jesus mostra, no artigo referido, como a narrativa heemonicamente cisgênera derivada dos arquivos coloniais (como os inquisitoriais) silenciou e invisibilizou vidas trans. Ela desafia essa leitura eurocêntrica e resgata a figura de Xica como sujeita histórica e transgênera. Após analisar várias apropriações da figura de Xica (em manifestações públicas, premiações, cordéis, peças teatrais, nomes de coletivos, entre outras), a autora conclui que o resgate dessa memória é um ato mobilizador, central na construção da identidade trans. Ao ressignificar Xica, esse processo permite que pessoas trans se apropriem de sua própria história para afirmar vozes e narrativas que foram apagadas.

O desfile da Paraíso do Tuiuti na terça de carnaval foi belo, potente e emocionante. Porém, a escola conquistou apenas o 10º lugar em 2025, sobretudo pelos problemas de evolução ao longo de sua apresentação. Apesar disso, a agremiação teve o enredo mais premiado desse ano, recebendo o Estandarte de Ouro de Inovação pelo ineditismo da proposta.

Desfiles de escolas de samba já têm sido pensados como narrativas históricas por historiadores/as e antropólogos/as, sobretudo na chave da história pública.¹¹ Neste artigo, concebo o enredo citado também como uma forma de narrativa biográfica que me parece verdadeiramente original, sobretudo no que se refere a sua forma de conceber e expressar o tempo. Defendo que Jack Vasconcelos conseguiu romper com as formas tradicionais de elaborar a temporalidade das biografias – em geral marcadas pela linearidade, pela perspectiva cronológica e pela teleologia, características sintetizadas por Pierre Bourdieu¹² na conhecida ideia de “ilusão biográfica” – e avançar em maneiras plúrais, descontínuas e não sequenciais de narrar o tempo. Tal perspectiva aproxima-se do que se convencionou chamar de “giro temporal” dos estudos que-

⁹ *Idem, ibidem*, p. 253.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Sobre o tema, ver, entre outros, MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de e SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, OLIVEIRA, Max Fabiano Rodrigues de. *História para ninar gente grande: o desfile das escolas de samba como espaço para a produção de história pública – um estudo sobre o enredo da Mangueira de 2019*. *Policromias: Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 5 (número especial, parte I), Rio de Janeiro, dez. 2020, e a tese de doutorado de Fabrício Romani Gomes em andamento no PPG em História da UFRGS, provisoriamente intitulada “Ê mãe preta, mãe baiana, desde o morro para fazer História”: Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro como historiadoras públicas (1981-2020).

¹² Ver BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005.

er, sintetizados na crítica à crononormatividade, na defesa do anacronismo e na aposta na erotohistoriografia.

Os estudos queer, entre outras correntes de pensamento articuladas por grupos subalternizados (tais como mulheres cis, pessoas LGBTQIAP+, pessoas negras, pessoas com deficiência), já demonstraram que o conhecimento é sempre situado¹³ e que pretensões de universalidade escondem formas de dominação pautadas no poder dos grupos com poder de imporem-se a si como o padrão (em geral homens cis brancos, oriundos das camadas economicamente favorecidas, publicamente heterossexuais e considerados sem deficiência). Portanto, é fundamental apresentar os marcadores sociais que me atravessam, garantindo meus privilégios e, também, indicando algum grau de opressão: sou um homem cis, branco, oriundo da classe média intelectualizada, visto socialmente como um corpo “normal”, porém gay, com tudo o que isso significa em uma sociedade heteronormativa. Coloco-me política e existencialmente como aliado das lutas das pessoas trans e travestis, embora reconheça meus privilégios em relação a elas. Leio com atenção as produções de intelectuais oriundas/os/es desse grupo social, a fim de me descentrar da cisnormatividade, mas, obviamente, não experencio o que é ser trans – em termos de opressão e de visão de mundo – na minha vivência concreta.

Este estudo, de caráter experimental, tem uma pretensão modesta: evidenciar como se pode narrar vidas indo além de formas convencionais de articular o tempo individual e coletivo, em geral elaboradas, ao menos na modernidade ocidental, por meio das noções de progresso e evolução (biológica e social). O enredo sobre Xica indica “pontos de fuga”¹⁴ dessa configuração hegemônica, que podem ser inspiradores para biógrafos/as interessados/as em fugir das maneiras tradicionais de conceber e delinear a temporalidade.

Como fontes para análise utilizei matérias da imprensa, postagens nas redes sociais, vídeos com imagens do desfile e a descrição minuciosa do enredo feita na publicação *Abre-Alas*, da Liga das Escolas de Samba (Liesa) do Rio de Janeiro, que é obrigatória para todas as agremiações.¹⁵

O artigo está dividido em duas partes: na primeira, discuto brevemente o que se convencionou chamar de “giro temporal” nos estudos queer e algumas categorias relacionadas a esse movimento, bem como a noção de “fabulação crítica” proposta pela intelectual cis negra Saidiya Hartman; na segunda analiso o enredo “Quem tem medo de Xica Manicongo?” à luz dessas inspirações teóricas.

Queerizando o tempo

O “giro temporal” nos estudos queer – em inglês, queer temporal turn – designa um movimento teórico que, a partir dos anos 2000, deslocou o foco das análises queer do campo da identidade e da representação para o terreno do tempo, da história e da temporalidade. Em vez de se concentrar apenas nas

¹³ Cf. HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, Campinas, 2009.

¹⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 1.

¹⁵ *Abre-Alas*, op. cit.

formas de subjetivação ou nas políticas de visibilidade, o giro temporal busca compreender como o tempo é normativamente estruturado e como vidas queer desafiam ou habitam o tempo de modos distintos do modelo cisheteronormativo. Nesse sentido, os estudos queer questionam, como outras perspectivas teóricas já o fizeram, as concepções progressistas, lineares e teleológicas da modernidade ocidental. Porém, a crítica queer acrescenta um elemento inovador e fundamental a tal reflexão: essa forma moderna de conceber o tempo é condicionada por normas de gênero (cisheteronormatividade) e de orientação sexual (heteronormatividade), as quais associam o tempo com um suposto curso natural da vida, que levaria da infância à velhice (ou da imaturidade à maturidade, do “primitivo” ao “civilizado”), passando pela obrigatória reprodução. A criança, nessa visão, deveria ser protegida de supostas derivas de sua condição supostamente inata de gênero e sexualidade para cumprir seu papel de projeção de futuro, de perpetuação da espécie, de garantia de continuidade da produção econômica. As considerações de Daniel Kveller¹⁶, homem cis branco, nos ajudam a precisar o teor dessa crítica:

*O problema não seria o progresso per se ou as utopias e projetos em direção aos quais se dirige, mas o modo como esses esquemas narrativos estabelecem normas fundamentadas em um telos, delimitando modos mais adequados de viver o presente de acordo com futuros supostamente desejáveis e passados supostamente verdadeiros. O progresso é compreendido como uma espécie de dispositivo no sentido foucaultiano do termo, uma organização específica da temporalidade que nos indica como devemos sentir, desejar, imaginar e a nos enxergar como sujeitos de um gênero e uma orientação sexual.*¹⁷

O autor sintetiza essa ideia da seguinte maneira: “os estudos sobre temporalidades *queer* argumentam que a orientação sexual é sempre uma orientação temporal”.¹⁸ É essa a ideia condensada na categoria “crononormatividade”, a qual, segundo Elizabeth Freeman, professora de Literatura e de estudos de gênero/sexualidade/*queer*, mulher cis branca, sua proponente, pode ser definida da seguinte maneira: “um modo de implantação, uma técnica por meio da qual forças institucionais chegam a parecer fatos somáticos”.¹⁹ Essa explosão da suposta naturalidade do dito “tempo biológico”, e do tempo social/histórico criado a sua imagem e semelhança, tem consequências historiográficas. Será que não poderíamos, em nossas narrativas biográficas (e históricas de maneira geral), questionar a suposta naturalidade da sequência passado – presente – futuro como etapas estanques? Será que o passado não poderia, por exemplo, também estar no presente, como espectro, assombrando-nos, com consequências concretas no estabelecimento de relações de opressão e resistência? Será que o futuro não poderia ser ou simplesmente negado (como

¹⁶ Ver KVELLER, Daniel Boianovsky. *Dissidências sexuais, temporalidades queer: uma crítica ao imperativo do progresso e do orgulho*. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – UFRGS, Porto Alegre, 2021.

¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 14.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ FREEMAN, Elizabeth *apud* SOLANA, Mariela. Asincronía y crononormatividad: apuntes sobre la idea de temporalidad queer. *El banquete de los Dioses: Revista de Filosofía y Teoría Política Contemporánea*, v. 5, n. 7, Buenos Aires, nov. 2016-mayo 2017, p. 47. Neste artigo, salvo menção em contrário, todas as traduções de textos em língua estrangeira são de minha responsabilidade.

lembra a famosa consigna “No future!”) ou pensado como um horizonte aberto, não condicionado pelo passado e pelo presente²⁰?

Em uma visão linear e etapista de tempo, o anacronismo, na análise histórica, emerge como o “pecado dos pecados” e “o pecado entre todos imperdoável” (e o termo “pecado” é bastante significativo) do historiador, para lembrar um dos ícones do panteão da nossa disciplina, Lucien Febvre²¹, historiador, homem cis branco. Afinal, segundo tal perspectiva, o passado é algo que já foi e devemos entendê-lo sempre nos seus “próprios termos”. Nessa perspectiva, nas palavras da filósofa cis branca Mariela Solana, “a ideia de anacronismo emerge como uma forma de caracterizar práticas ou identidades sexuais que aparecem como pegadas de um momento histórico que já passou” (basta lembrar da ideia de homossexualidade como “imaturidade sexual”).²² Carolyn Dinshaw, especialista em temas de gênero e sexualidade no período medieval, mulher cis branca, prefere o termo assincronia à anacronismo, caracterizando o primeiro pela imagem de “diferentes marcos temporais ou sistemas temporais colapsando em um único agora”.²³ Veremos como esse embaralhamento de tempos se dá no “único agora” do desfile da Tuiuti na terça-feira de carnaval de 2025.

Ainda do campo dos estudos *queer*, outra categoria que ajuda a entender a temporalidade do enredo “Quem tem medo de Xica Manicongo?” é a de “erotohistoriografia”, também proposta por Elizabeth Freeman, em estreito diálogo com a psicanálise. Como esclarece Daniel Kveller, “esse método não visa a restaurar ou resgatar o passado, mas já encontrá-lo aí, misturado ao próprio presente, tal como opera a transferência. Uma das particularidades da erotohistoriografia é o uso do corpo para afetar, figurar ou performatizar esse encontro”.²⁴ Nas palavras de Freeman, “a erotohistoriografia admite que o contato com materiais históricos pode ser precipitado por disposições corporais particulares, e que essas conexões podem extrair respostas corporais, até mesmo prazerosas, que são elas mesmas uma forma de entendimento”.²⁵ Através da erotohistoriografia, é possível superar a dicotomia tão cara à modernidade ocidental entre corpo e mente, e postular que “várias práticas sociais *queer*, especialmente aquelas que envolvem sensações corporais agradáveis, produzem formas de consciência – inclusive consciência histórica”.²⁶

Tentarei pensar o desfile da Paraíso do Tuiuti como configurado segundo a perspectiva de uma temporalidade *queer*, repleta de vai-e-vens entre passado, presente e futuro, de assincronias, além de concretizadora de uma erotohistoriografia na qual os corpos que criam o enredo o performam na

²⁰ Sobre esse tema, ver os diferentes posicionamentos de Lee Edelman, que se coloca contra o “futurismo reprodutivo”, e José Esteban Muñoz, que defende uma dimensão utópica, ao conceber a temporalidade *queer* como um tempo do “ainda não”, orientado para o futuro e para as possibilidades de existência que escapam ao presente normativo. Cf. EDELMAN, Lee. *No future: queer theory and the death drive*. Durham-Londres: Duke University Press, 2004, e MUÑOZ, José Esteban. *Cruising utopia: the then and there of queer futurity*. Nova York: New York University Press, 2009.

²¹ Ver FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 33.

²² SOLANA, Mariela, *op. cit.*, p. 60

²³ DINSHAW, Carolyn *apud* SOLANA, Mariela, *op. cit.*, p. 58.

²⁴ KVELLER, Daniel, *op. cit.*, p. 68.

²⁵ FREEMAN, Elizabeth *apud* KVELLER, Daniel, *op. cit.*, p. 68.

²⁶ *Idem*.

avenida e assistem a ele no Sambódromo ou através de diversas plataformas tecnológicas produzem conhecimento sobre o passado. Acredito que tal procedimento pode inspirar a escrita de novas narrativas históricas e, no caso específico desse enredo, de biografias históricas, sobretudo quando falamos de pessoas que, apagadas por camadas de silêncio, deixaram poucos registros de suas existências, impossibilitando a construção de escritas aparentemente mais “completas” e “organizadas” (e fica a pergunta: queremos esse tipo de escrita?).

Uma última, mas não menos importante, proposição teórica também ajuda a entender a escrita biográfica do enredo “Quem tem medo de Xica Manicongo?”, essa proveniente do campo dos feminismos negros: o de “fabulação crítica”, proposta por Saidiya Hartman, mulher cis negra, professora da Universidade de Columbia, ou seja, uma prática narrativa que busca reconstruir e imaginar as vidas de pessoas historicamente marginalizadas – sobretudo aquelas cuja presença nos arquivos oficiais é rarefeita, silenciada ou distorcida. Essa abordagem surge como uma resposta crítica à ausência de informações completas ou justas sobre sujeitos oprimidos, especialmente os negros escravizados e as mulheres negras (e lembremos que Xica era uma mulher trans negra e escravizada). Hartman define a fabulação histórica como “uma escrita impossível que tenta dizer o que resiste a ser dito [...]. É uma História de um passado irrecuperável; é uma narrativa do que talvez tivesse sido ou poderia ter sido; é uma História escrita com e contra o arquivo”.²⁷ Defendo que, a partir dos pequenos traços dos arquivos inquisitoriais, mas, sobretudo, dos silêncios que forjam esses documentos, o carnavalesco Jack Vasconcelos fabulou, com palavras, ritmos, coreografias, alegorias e fantasias, um passado possível para Xica e para as pessoas trans e travestis brasileiras, colapsando tempos diversos no instante do desfile. Diante da violência do arquivo colonial, a Tuiuti investiu na fabulação crítica para contar a história daquela que, com seu modo de vestir (e, por consequência, de ser), tanto perturbava a sociedade colonial do século XVI, a ponto de se ver ameaçada de virar cinzas.

Entremos então na avenida...

Xica e outras possibilidades de pensar e viver o tempo

Começamos pelo título do enredo: uma pergunta e uma provocação. Sim, nós, pessoas cis e brancas do presente, temos medo de Xica Manicongo. Ela nos desarruma, nos desaloja, nos coloca em posição de explicar a suposta naturalidade de nossos corpos e do tempo que rege as nossas vidas. Ela vem lá do passado como ameaça, como lembrança benjaminiana²⁸ das ruínas que amontoamos e que insistem em nos atormentar.

Ela ameaça porque é o espectro que acompanha e desafia a pretensa essencialidade do nosso gênero e de tudo que dele decorre, inclusive a organização do tempo. Afinal, não dizemos seguidamente que essa “história de transgeneridade” é uma invenção recente, um “modismo” despido de pro-

²⁷ HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23, n. 3, Rio de Janeiro, 2020, p. 30. Disponível em <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27640>. Acesso em 25 out. 2025.

²⁸ Ver BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas*, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

fundidade temporal? Xica irrompe do século XVI, reapropriada pelas mãos e mentes de suas herdeiras subversivas de gênero do século XXI, para dizer: “nós já estávamos lá”. “Ah” – responde o historiador desconfiado – “mas ‘aquilo’ não era transgeneridade, era sodomia, outra época, outro conceito”. Porém, esquece que a própria cisgeneridade é histórica e que falamos, sem considerar-nos anacrônicos, de homens e mulheres no Egito Antigo ou no período colonial, “esquecendo” que tais identidades não existiram desde sempre.²⁹

Jack Vasconcelos, no material entregue à Liesa, como vimos antes, justifica o enredo a partir de uma urgência do presente, de um clamor por reparação. É do hoje que surge o verso bradado no samba-enredo: “Só não venha me julgar”. Xica foi julgada e quase acabou morta. As pessoas trans e travestis do presente são igualmente julgadas como “monstruosas”, “doentes”, “criminosas”, “artificiais”, “falsas mulheres” ou “falsos homens”, e boa parte delas acaba morta, assassinadas direta ou indiretamente, seguidamente com requintes de crueldade, como que para saciar o desejo de pureza da “sociedade de bem”. A maior parte não chega aos 35 anos, obrigando-nos a repensar a própria noção de tempo, de “horizonte de expectativas”.³⁰ As palavras do carnavalesco da Tuiuti reposicionam Xica no presente e, também, projetam um outro futuro:

*Xica está viva em cada uma que ousa existir, lutar, amar... ser cidadã. Ela está nas encruzadas, nas esquinas, na gargalhada afrontosa, nos abraços amorosos, nos gritos por socorro. Mas também queremos ver Xica viva e feliz em nossas rodas de amizade, nas escolas, universidades, no mercado de trabalho, nos palcos, nos esportes, nas chefias, nos púlpitos, nos parlamentos, na presidência. Para que as existências plurais sejam respeitadas. Para que coexistamos em harmonia. Para que mais ninguém tenha medo.*³¹

Para construir o enredo, Jack se baseou em artigos acadêmicos, incluindo estudos sobre teoria *queer*, e, também, em textos produzidos pela militância LGBTQIAP+. Buscou, igualmente, encontrar o passado logo ali, misturado ao próprio presente, valendo-se, para tanto, de seu próprio corpo, como ele mesmo conta:

*Durante a pesquisa para o enredo, procurei saber mais sobre a quimbanda e fui fazer um laboratório com o mestre de quimbanda e juremeiro Fábio D’cigano. Nesse processo espiritual, por intermédio de entidades como dona Maria da Praia e o cigano Pierre Santiago, Xica Manicongo se comunicou. Contou passagens que não estão escritas, e nem teriam como estarem, em nenhum lugar ou objeto físico. Falou de sua experiência com os indígenas brasileiros, do aprendizado com o catimbó e seu caminho espiritual.*³²

²⁹ Cf. TEDESCO, Caio. “Professor, tinha travesti no Egito Antigo?": historiografia *queer*, história pública e ensino de história. In: SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *História pública e queer*. São Paulo: Letra e Voz, 2024.

³⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

³¹ VASCONCELOS, Jack *apud* Abre-Alas, *op. cit.*, p. 99.

³² *Idem*.

Portanto, ele transcendeu a pesquisa histórica em sentido estrito e construiu, guiado pela espiritualidade da própria Xica Manicongo, uma fabulação crítica sobre a personagem e suas descendentes, ouvindo coisas impossíveis de estarem registradas, pelo próprio caráter violento dos arquivos coloniais, em lugares e objetos. Com isso, sua narrativa transformou-se em uma afirmação da transestralidade, conceito criado pela pensadora, atriz e dramaturga trans e branca Renata Carvalho. A a(r)tivista e professora travesti e branca do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRGS, Vi Grunvald desenvolve essa ideia também a partir da figura de Xica:

Quando criamos, com Xica Manicongo, uma relação de parentesco que a (con)figura como nossa transestral, alargamos possibilidades de fazer parentes para além das formulações ancestrais naturalizadas pelo sangue. Nessa sua invocação como pessoa relacionada e conectada com o que somos e vivemos, se desenham traços desse mapa transestral cujo pressuposto não é a ontologia do sangue ou da família nuclear, da casa compartilhada, das relações conjugais organizadas por uma hierarquia sexual ou do gênero naturalizado pelo corpo genitalizado ou pela função reprodutiva. Essa espécie de pacto familiar com uma figuração pretérita que se atualiza em nós expande nossa imaginação relacional a partir de uma ética de comprometimento com o passado encarnado em sua/nossa existência.³³

Xica, portanto, não foi só objeto de conhecimento intelectual da parte do carnavalesco, mas também se fez, de modo literal, presente na pesquisa, incorporada, ensinando sobre seu próprio passado e de todas as pessoas trans (especialmente as negras) do Brasil. O corpo foi o objeto privilegiado desse conhecimento. Jack, através das entidades, encontrou-se com Xica e com ela aprendeu. Configurou-se, portanto, uma erotografia já na própria concepção do enredo. Como consequência desse processo intelectual e corporal, ou melhor, borrando as fronteiras entre essas duas formas de apreensão do mundo, Jack afirma na descrição do enredo apresentado à Liesa: “Pisei na terra dos antigos, bebi na fonte dos eternos, respirei a fumaça do encantamento e agora vou contar para vocês o que meus olhos leram nos escritos desse mundo, minhas orelhas ouviram diretamente da boca do lado de lá e minha alma sentiu quando a ancestralidade se materializou”.

Na *performance* do desfile, a comissão de frente performou a assincronia, permitindo a diversos tempos irromperem simultaneamente. Nela, ganhou destaque a presença da já citada deputada federal Erika Hilton, quem corporificava o passado (ao encarnar a própria Xica), o presente (ao personificar um corpo trans que atinge um lugar significativo de poder na atualidade) e o futuro (ao portar uma faixa presidencial, indicando a esperança de que pessoas trans possam dirigir os destinos da nação). Na concentração, como dito anteriormente, ela pronunciou um discurso que reforçou essa mescla temporal: “Pela memória de Xica Manicongo, nossa ancestral [...]. A Tuiuti entra na Sapucaí no Carnaval de 2025 para dizer que a esperança, a cultura, a alegria, o canto e a dança vão vencer o ódio”.³⁴ Mais uma vez, três tempos em

³³ GRUNVALD, Vi. (Con)fabulações transestrais e(m) arquivos contra a natureza. *Cult*, n. 304, São Paulo, 26 mar. 2024, s./p.

³⁴ HILTON, Erika, *op. cit.*, s./p.

um só: o passado articulado pela memória, o presente do desfile e o futuro da esperança.

Acompanhavam Erika diversas bailarinas trans performando uma coreografia que também cruzava fronteiras temporais, indo de danças de inspiração africana até poses “vogue” do estilo *ballroom*, típico da cultura LGBTQI-AP+, especialmente dos bailes frequentados por dissidentes das normas hegemônicas de gênero e sexualidade, em geral negras e latinas, realizados em boates periféricas de Nova York (mas também no Brasil) nas décadas de 1970 e 1980. Cláudio Serra, professor da Escola de Teatro da Unirio, homem cis branco, classificou essa coreografia como dialética: “o movimento circular do palco giratório remete à ancestralidade vista no início da coreografia (à África, a uma lógica anterior da prisão do cis), enquanto o vogue e a presença de Hilton remetem ao contemporâneo”. E ao futuro, acrescento eu. Também é importante ressaltar que as bailarinas portavam faixas com dizeres variados (em diálogo com a faixa presidencial de Hilton): “bióloga”, “bailarina”, “cientista”, “comissária”... indicando “novas possibilidades que os próprios corpos travestis se deram, depois de muita luta”.³⁵



Figura 2. Comissão de frente da Escola de Samba Paraíso do Tuiuti. *ICL Notícias*, 5 mar. 2025.

Depois dessa abertura impactante, seguiram-se seis setores, que aqui caracterizo brevemente de acordo com o material oferecido pelo carnavalesco à Liesa³⁶, todos intitulados com palavras que começam com o prefixo “trans”, o qual indica uma mudança de estado ou a passagem de um lado para o outro:

³⁵ SERRA, Cláudio. A dialética da fumaça: a comissão de frente da Paraíso do Tuiuti 2025. *Eu, Rio!*, 6 mar. 2025. Disponível em <<https://eurio.com.br/coluna/dancaalemfronteiras/1596-a-dialetica-da-fumaca-a-comissao-de-frente-da-paraiso-da-tuiuti-2025.html>>. Acesso em 1 fev. 2025.

³⁶ Ver *Abre-Alas*, *op. cit.*, p. 99.

1º setor – “transcestral”, que expressa a transcestralidade de Xica Manicongo, articulando-a com o culto aos ancestrais já existente nas tradições Bantu de suas terras de origem;

2º setor – “transpassado”, o qual aponta para “elementos da espiritualidade Bantu e da cultura do Reino do Congo, que foi um dos impérios negros pré-coloniais mais poderosos da África durante os séculos quinze e dezesseis”, a fim de delinear “um recorte do cenário no qual Xica seria inserida em sua terra natal antes da escravização e anulação de sua identidade imposta pelos portugueses”;

3º setor – “transição”, “que trata da escravização de Xica pelo homem branco até a chegada ao Brasil, na capital da colônia portuguesa, Salvador”, ressaltando a “mudança de ambiente e o contato com um novo mundo”;

4º setor – “transformação”, o qual abordava o contato de Xica “com a mata brasileira e com os tupinambás, que não apenas a acolheram”, mas “também dividiram com ela os segredos do catimbó indígena”;

5º setor – “transcendência”, que tratava da “demonização da cultura africana” pela sociedade colonial, mas também da resistência de Xica a essa opressão, já que ela “foi acolhida pelas pombas-giras” e “trabalhou espiritualmente com elas pelas ruas das cidades protegendo suas filhas, perseguidas e marginalizadas como ela própria foi”; e finalmente o

6º setor – “transistir”, o qual mostrava que “o cenário de intolerância, preconceito e perseguição prossegue, mas a luta continua”. Nesta perspectiva, “Xica Manicongo é a grande traviarca transexual da comunidade trans e travesti e segue protegendo suas filhas”. Neste setor, a escola lembrou “das perseguições do mundo moderno à comunidade trans” e, também, enalteceu “as que lutaram, e lutam, por dignidade e justiça. Memória e reconhecimento”.

E voltamos ao começo: o desfile é retilíneo, como exige a passarela do samba e o imperativo da “evolução” (sintomático que tenha sido justamente esse quesito que mais prejudicou a pontuação da Tuiuti), mas a história que ele conta não. A África do primeiro setor, pensada como origem, volta como inspiração de luta e resistência, no presente e no futuro. Xica reaparece no presente como a “traviarca ancestral”, junto e não antes de suas filhas. Aqui a noção de ancestralidade ganha sentidos diversos daqueles inscritos na tradição moderna ocidental regida pela crononormatividade: não se trata de sangue, de genes, de herança, de propriedades simbólicas e materiais a serem transmitidas para aqueles que compartilham elementos biológicos comuns. Trata-se sim de uma forma de ser no mundo que resiste ao tempo e ao apagamento, apesar das inúmeras opressões e silenciamentos. Que se corporifica em tempos diversos, que retorna, que conta uma história coletiva de dor, mas também de gozo, e aponta para outras possibilidades de futuro. De uma temporalidade que não separa o ontem, o hoje e o amanhã: no desfile da Tuiuti, todas essas dimensões se misturam e se influenciam, de forma a construir a festa da assincronia.

Foge ao escopo desse artigo analisar a letra do samba-enredo, composto por Claudio Russo e Gustavo Clarão, o qual cadenciou todo o desfile e permitiu aos corpos que dançavam, cantavam e viam (na Marquês da Sapucaí ou pela televisão) o desfile aprenderem, prazerosamente, ao som da bateria, sobre a história das pessoas que ousaram desafiar as normas hegemônicas de gênero, cruzar as fronteiras, superar os binarismos supostamente naturais

impostos pela religião cristã, tanto a da Santa Inquisição como a de segmentos poderosos das igrejas evangélicas e católica ligadas à extrema direita contemporânea. Cito apenas alguns trechos do samba que expressam tais ideias:

*Só não venha me julgar, ô, ô
Pela boca que eu beijo
Pela cor da minha blusa
E a fé que eu professar
Não venha me julgar
Eu conheço o meu desejo
Este dedo que acusa
Não vai me fazer parar
Faz tempo que eu digo não
Ao velho discurso cristão
[...]
Pra quem tem medo o meu povo vai gritar
Eu travesti
Estou no cruzo da esquina
Pra enfrentar a chacina
Que assim se faça
Meu Tuiuti
Que o Brasil da terra plana,
Tenha consciência humana³⁷*

Muito mais poderia ser dito sobre essa poderosa história biográfica pública levada à Marquês de Sapucaí pela Paraíso de Tuiuti no último carnaval. Parodiando Saidiya Hartman, cujas palavras foram pensadas para outro contexto, mas que me parecem bastante adequadas para o caso aqui analisado, Xica lutava para criar uma vida autônoma e bela e para viver como se fosse livre. O carnavalesco Jack Vasconcelos, a fim de contar essa história, precisou “enfrentar o poder e autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a gravidade e a autoridade de agente histórico”. Ele escreveu, em coautoria com todas/todes/os integrantes da escola, um “relato de insurgência”.³⁸

No que diz respeito mais especificamente ao enfoque deste artigo, pode-se dizer que, a partir do prisma do chamado giro temporal nos estudos *queer*, a biografia deixou de ser compreendida apenas como o relato linear e natural de uma vida – nascimento, desenvolvimento e morte – e passou a ser pensada como um campo de disputas temporais, onde diferentes tempos, memórias e afetos se cruzam e se chocam. Essa perspectiva propõe que as existências dissidentes da norma heterossexual e cisgênera frequentemente escapam das cronologias dominantes, produzindo outras formas de temporalidade – descontínuas, anacrônicas, utópicas ou melancólicas. Assim, ao narrar a história de uma figura como Xica Manicongo, considerada a primeira pessoa

³⁷ “Só não venha me julgar” (Claudio Russo e Gustavo Clarão) *apud Abre-Alas, op. cit.*, p. 99.

³⁸ HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022.

transgênero não indígena identificada no território que hoje chamamos Brasil, não se trata apenas de reinscrever seu nome no passado, mas de reconfigurar o tempo histórico para tornar visíveis as vidas e experiências que foram apagadas pela cronologia colonial e patriarcal. Nessa chave, a “biografia na Passarela do Samba” pode ser lida como um gesto de reparação temporal (“Tenho um sentimento de vingança contra aqueles que tentaram fazer com que a gente não existisse”, disse Erika Hilton após o desfile³⁹): o enredo não apenas representa Xica, mas faz o tempo torcer-se – trazendo o passado ao presente e projetando futuros *queer* possíveis. Que Xica e a Paraíso do Tuiuti possam inspirar novas tessituras do biográfico!

Artigo recebido em 26 de outubro de 2025. Aprovado em 30 de novembro de 2025.

³⁹ Me sinto vingando Xica Manicongo, diz Erika Hilton, na comissão de frente da Tuiuti. *Expresso interior*, s./l., 5 mar. 2025. Disponível em <<https://expressointerior.com.br/me-sinto-vingando-xica-manicongo-diz-erika-hilton-na-comissao-de-frente-da-tuiuti/>>. Acesso em 1 fev. 2025.